

AS PRÁTICAS DE LEITURA DO JOVEM LEITOR DE ENSINO MÉDIO: A NORMATIZAÇÃO DO ENSINO E A REPRESENTAÇÃO DESSE LEITOR ATRAVÉS DA MÍDIA

Fabrcia Aparecida Migliorato Corsi¹

Resumo: Este artigo integra o trabalho apresentado no V colóquio da ALED- Brasil. Buscamos refletir a partir dos PCNs de Língua Portuguesa, documento oficial que norteia as práticas pedagógicas de ensino, como é orientado o ensino e o trabalho com leitura. Discorreremos ainda sob o advento da internet e das novas tecnologias como os e-paper e os livros eletrônicos, com os quais os leitores se depararam com um novo suporte e uma nova forma de realizar a leitura. Realizaremos sob o viés dos preceitos teóricos de Michel Foucault a análise do discurso proferido na capa da Revista Veja de maio de 2014 sobre os superpoderes da Leitura.

Palavras-chave: Discurso; representação de leitura; ensino; Foucault

Résumé: Cet article fait partie du travail présenté au colloque ALED V-Brésil. Nous réfléchissons aux PCN de langue portugaise, document officiel qui oriente les pratiques pédagogiques de l'enseignement, comment est orienté l'enseignement et le travail avec lecture guidée. Nous discuterons aussi dans l'avènement des technologies de l'Internet et des nouvelles telles que l'e-papier et des livres électroniques, dont les lecteurs ont été confrontés à un nouveau support et une nouvelle façon d'effectuer la lecture. Nous allons effectuer l'analyse, sous la poussée des préceptes théoriques de l'analyse de Michel Foucault, du discours prononcé dans la couverture de Look Magazine Mai 2014 sur les superpuissances de lecture.

Mots-clés: discours; représentation de la lecture; l'éducation; Foucault

Introdução

Pensar nas práticas escolares que regulamentam e norteiam o trabalho dos profissionais ligados à área educacional é voltar às series iniciais, onde se instaura um posicionamento de marco inicial no processo de aprendizagem.

Percebe-se aí o imaginário que instaura sobre o ensino de leitura, visto muitas vezes como uma ação de decodificação que se ensina no ambiente escolar. Esta visão

¹ Doutoranda em Linguística com ênfase em Língua Materna pela Universidade Federal de São Carlos-UFSCar-SP, Orientanda da Prof^a. Dr^a Luzmara Curcino Ferreira.

instaurada é repensada sobre os princípios de documentos institucionalizados que vislumbram uma nova visão sobre o trabalho de leitura, com intuito de formar bons leitores, leitores assíduos e proficientes.

A formação de leitores pode até se dar neste ambiente de ensino, porém o desejo e o hábito de leitura não nascem de uma imposição, de cobranças, de leitura para a realização de trabalhos escolares, que, na maioria das vezes cobra atividades que não necessariamente necessitam da leitura profícua e dedicada da obra.

Não queremos aqui, analisar a postura e técnicas pedagógicas do profissional da área de ensino, muito pelo contrário, é através do trabalho desenvolvido por eles que muitos alunos têm oportunidade de – e raras às vezes – travar contato com o livro impresso. O que propomos analisar é como através das políticas gerenciadoras dos conteúdos básicos se dá o direcionamento de ensino para que o professor estruture sua prática pedagógica no trabalho com a leitura.

O que dizem os documentos oficiais sobre a leitura

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, doravante PCNs, foram apresentados aos meios acadêmico-escolar a partir de 1998, como um documento direcionador de novos conceitos e orientações, que trouxe como princípio para o ensino de Língua Portuguesa a formação de locutores/ autores e interlocutores capazes de usar a língua materna para compreender o que ouvem e lêem e para se comunicar, utilizando os registros de linguagem pertinentes a cada situação de comunicação.

Através da leitura e da interpretação o sujeito deve exercitar sua compreensão de mundo refletindo criticamente sobre a língua como atividade social, sendo esta vislumbrada como acesso ao patrimônio cultural e social.

Os PCNs partem do princípio de que o aluno não chega à escola vazio de conhecimento, mas sim, que é um sujeito que carrega aprendizagens construídas ao longo de sua formação e construção, cabendo a escola oferecer meios para que ele amplie e expanda a capacidade de se comunicar em diferentes gêneros do discurso, bem como saiba interpretá-los.

A leitura tem papel de destaque neste processo de trabalho elencado por tais orientações, que evidenciam o papel formador da escola nos conteúdos considerados para a vida, como é o caso da leitura e da escrita.

Segundo os PCNs, para que o aluno desenvolva o processo de leitura e escrita é necessário que ele:

- reconheça a leitura e a escrita como atividades interativas de produção de sentido, que colocam em jogo diferentes fatores, como a situação comunicativa, o horizonte social dos interlocutores, o objetivo da interlocução, as imagens que os interlocutores fazem um do outro, os usos e práticas de linguagem;
- tenha acesso aos usos literários da língua e a obras de autores representativos da literatura brasileira. (PCNs, 2001, p.10)

O trabalho com o discurso é instaurado no ambiente escolar como ponto norteador do trabalho com a leitura. O discurso instaurado e marcado historicamente nas relações de comunicação social, no processo de relação com o outro, na relação do jogo do processo discursivo. Por tais razões o ensino da leitura e compreensão de textos orais e escritos é visto como objeto de estudo central da disciplina.

As competências específicas que se pretendem desenvolver no trabalho com leitura abrangem a ênfase nos textos literários, no qual há envolvimento do leitor de forma emocional, intelectual e estética. Tal trabalho deve ser sustentado por situações em que o aluno tenha oportunidade de interagir com o texto literário, compreendendo os processos simbólicos historicamente marcados e contextualizados,

[...] bem como para a compreensão das identidades culturais nacionais e regionais e das circunstâncias históricas, sociológicas, antropológicas de sua formação. (PCNs, 2001, p. 12)

À leitura é atribuído o papel de atividade de construção, de elaboração de sentido, não é somente vista como prática decodificadora, podendo ser realizada de diferentes maneiras e com a realização de diversas atividades relacionadas tais como projetos de leitura, atividades sequenciadas, etc.

Evidencia-se assim, a preocupação com a formação de leitores proficientes. A leitura é apresentada como um processo a ser construído em etapas que exigem um trabalho de compreensão do texto por parte do leitor.

O que a escola ensina, o que querem os jovens leitores

Durante todo o período de escolarização pelo qual passamos, diferentes atividades didáticas para estimular o contato e o hábito com a leitura são realizadas

pelos professores em sala de aula. Observa-se também que há furtivo incentivo quanto ao trabalho interdisciplinar entre os conteúdos que compõe a grade curricular. Este trabalho, porém, nem sempre é realizado pelos docentes como atividade integradora de conteúdos entre temas abordados nas diferentes disciplinas que compõe o quadro curricular, embora o trabalho com a diversidade textual, abordando diferentes assuntos de mundo, correlacionando-os, seja uma das estratégias didáticas de leitura proposta pelos PCNs para estimular a leitura e a formação de leitores competentes.

Observamos que, atualmente, é proposta à escola o trabalho com leitura que prevê o estabelecimento de diálogo com os mais diferentes gêneros e tipos de textos, estimula-se o diálogo do leitor com o objeto de leitura, cujo resultado esperado é o desenvolvimento de um leitor que interaja com o texto, que o compreenda, que dialogue com a realidade histórica proposta pelo autor, que tenha uma visão abrangente e crítica do contexto histórico e social.

A leitura, como prática social, é um meio, um objetivo, uma resposta a uma necessidade pessoal. Nunca deve ser vislumbrada somente como um fim didático, como uma atividade fechada nos arredores das instituições escolares. Podemos utilizar como reflexão para tal proposição, a finalidade que perdura no ambiente escolar sobre o trabalho com a leitura de obras literárias, institucionalmente consagradas, como os clássicos da literatura nacional, que são incorporados como leitura obrigatória para alunos do ensino fundamental e médio. A associação com o momento histórico no qual a obra foi escrita e publicada, bem como o nome do autor que credita *status* e a referenda, são princípios que norteiam a escolha dos professores e que as instauram como obra de boa leitura, de leitura necessária. O hábito constante dessas leituras, a cobrança das obras em concursos e vestibulares, a indicação feita por críticos literários contribuem para assegurar o *status* de obras indicadas para a leitura com fins escolares.

Porém, o que se constata é que a leitura que deve ser realizada e a maneira como é apresentada a atividade a ser realizada sobre a obra lida não agrada aos alunos, pois é uma leitura indicada para a realização de trabalhos escolares como avaliações de leitura; para a produção de resumos e/ou fichas de leitura; reconto da obra; associação da obra com o período histórico. Não há uma análise mais profunda da organização, da composição, e da estruturação da narrativa; não há um direcionamento de leitura do professor que, corriqueiramente, deixa o aluno com sua leitura solitária e inexpressiva.

Tal fato foi constatado após realizarmos entrevistas com grupos focais sobre leitura². Reproduzimos abaixo um fragmento dos depoimentos colhidos quando os alunos falam de sua experiência atual com leitura, no 1º ano do ensino médio e fazem menção às séries do ensino fundamental:

Aluno 1: Este ano a gente não pegou livro. Ano passado, do 6º ao 9º ano, a professora fazia ficha literária, a professora de Português. Aí, eu acho que era de quinze em quinze dias a gente trocava o livro e fazia a ficha que contava o resumo, ou fazia uma imagem, contava a melhor parte. Esse ano não tem mais.

Aluno 2: Ano passado valia nota, você fazia resumo do livro. Era atividade literária.

Entrevistador: Valendo nota você lia?

Aluno 2: Não. Eu não lia. Procurava mais o resumo na internet. (Entrevista na escola C)

O acompanhamento da leitura por parte de um intermediador é necessário e relevante para que o aluno compreenda a obra que está lendo, para que a contextualize, para que elucide pontos lexicais ou semânticos que, muitas vezes, não são compreendidos pelos jovens leitores. As obras constituídas em meados do século XIX, responsáveis pela representação de períodos literários brasileiros, recebem duras críticas referentes à linguagem própria do período na qual foram escritas. Essa é a alegação de inúmeros estudantes. Porém devem compreender que, o romance nessa época era uma leitura destinada essencialmente às mulheres, o que faziam com que vários autores como José de Alencar e Machado de Assis, se dirigissem retoricamente a essa imagem de leitor.

Segundo indicações dos PCNs (2001, p. 64), algumas s atividades de leitura podem ser realizadas basicamente pelo professor: “É o caso da leitura compartilhada de livros e capítulos, que possibilita aos alunos o acesso a textos bastante longos (e às vezes difíceis) que, por sua qualidade e beleza, podem vir a encantá-los, ainda que nem sempre sejam capazes de lê-los sozinhos.”

Por isso, a intermediação do professor é necessária, para que o aluno compreenda a importância de se conhecer e valorizar a linguagem de um determinado tempo, bem como a estrutura narrativa que a compõe, pois:

² As entrevistas com grupos focais foram realizadas em escolas estaduais do interior de Minas Gerais no mês de maio de 2014 e os registros encontram-se arquivados no Laboratório de Estudos Interdisciplinares das Representações discursivas do leitor brasileiro contemporâneo –LIRE- UFSCar, e encontram-se em período de transcrição.

Antes de o leitor existir, a escrita foi pensada para produzir nele determinados efeitos persuasivos, encadeando-se o discurso de determinada maneira, empregando-se metáforas e outras figuras de estilo, ou seja, utilizando-se uma retórica. (BELO, 2008, p. 55)

Sobre o fim da leitura na era digital

Concorrendo com a leitura das obras eleitas e chanceladas pelas instituições escolares como literatura clássica, vemos hoje, entre os jovens leitores grande aceitação pelas obras que abordam temas contemporâneos que trazem em seu enredo acontecimentos e situações semelhantes à realidade do adolescente. Narrativas que se constroem a partir de romance, de aventura, de ficção, que reproduzem fatos da realidade social e cultural dos jovens, são escritas e transformadas em séries pelas editoras que vêem nessas obras um nicho de vendas frutífero entre os jovens leitores.

Algumas séries se transformam em “Best Sellers” da literatura para adolescentes, como a série de Harry Potter de J. K. Rowling, ou A culpa é das Estrelas, do americano John Green, considerado atualmente o maior fenômeno da literatura para jovens³. A busca por obras que conseguem concatenar em sua construção narrativa a similaridade entre o real e o fictício revela que os gostos e os desejos de leitura dos jovens dependem de um dado momento social, histórico e filosófico, bem como de interesses coletivos do grupo social com o qual se relaciona e que: “Em cada época, os leitores partilham entre si espaços, gestos e ritmos de leitura, assim como normas morais, estéticas e outros valores que influenciam a recepção dos textos.” (BELO, 2008, p. 60)

Esses momentos de mudanças nos interesses pelos objetos de leitura, bem como pelos gêneros, acontece cada qual em seu tempo cronológico e, em momentos distintos, são evidenciados segundo o público que o consome, em razão de uma disparidade de consumo em relação a um momento anterior. Segundo PETIT, esse fenômeno de consumo de determinadas obras não é novidade. A autora relata que, ao término do século XVIII, embasada em estudos de historiadores, “[...] produziu-se uma das revoluções da leitura, atribuída à multiplicação dos livros e dos jornais publicados, e à redução dos preços.” (PETIT 2008, p. 44). Ocorreu com isso uma procura acentuada e

³ Dados verificados nos sites: <www.publishnews.com.br/telas/maisvendidos>, acesso em 09 jun 2014 e <www.academialiterariadf.blogspot.com.br/2014/04/lista-dos-livros-mais-vendidos-em-abril.html>, acesso em 09 jun 2014.

uma leitura intensa e com desenvoltura. Fato este que, atualmente, vemos ocorrer com um grande número de jovens leitores que buscam nessas publicações, uma narrativa intensa e envolvente que se enquadra em seu perfil e em seu gosto.

Com o advento da internet e das novas tecnologias como os e-paper e os livros eletrônicos, os leitores se depararam com um novo suporte e uma nova forma de realizar a leitura. A escola, porém viu seu trabalho com a leitura desestabilizado, já que havia se instalado entre os saberes e métodos didáticos uma nova maneira de se fazer a leitura, uma maneira não mais controlada e controlável, uma leitura não mais linear e materializada através do impresso. A leitura de textos eletrônicos é fragmentada, não linear, sua mediação e controle sobre aquilo que se lê não é plausível de concretude para que se possa ser mensurado, averiguado. A internet possibilita o acesso ao texto literário, mas apreender sua totalidade, seu sentido completo se torna difícil pelo fato de que a leitura pode ser fragmentada e o leitor ter a facilidade de ir de um texto ao outro e recorrer a outros vários. Para Chartier⁴: “É função da escola e dos meios de comunicação manter o conceito do que é uma criação intelectual e valorizar os dois modos de leitura, o digital e o papel.”.

Como o leitor é representado pela mídia impressa

A que conclusão podemos chegar ao analisarmos a representação de leitor construída pela mídia? Partindo desta vertente devemos antes, refletir sobre a noção de discurso em Foucault, uma vez que para analisá-lo, deve-se considerar as condições sócio-históricas de produção, que envolvem esses dizeres e os determinam. Já que, foucaultianamente pensando, o discurso, firmando tanto através do sistema linguístico quanto do semiótico, é característica fundante do sujeito, do saber, da verdade e da sua subjetividade.

Propomos refletir sobre a capa publicada pela Revista Veja⁵, que destaca a leitura entre os jovens brasileiros. A mídia, em seus diferentes, variados e inúmeros meios de alcances sempre marcou a representação de acontecimentos num determinado período histórico, “[...] expondo a tentativa, assumida para si, de narrar uma história em curso, inserida em acontecimentos, que se desenrolam diante de seus olhos.” (SÁ,

⁴ Entrevista concedida à revista escola com o tema “Os livros resistirão às tecnologias digitais”. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/fundamentos/roger-chartier-livros-resistira-tecnologias-digitais-610077.shtml>>. Acesso em 04 jun. 2014.

⁵ Revista Veja da Editora Abril, edição 2373, ano 47-nº20, 14 de maio de 2014. Editora Abril

SARGENTINI, 2012, p. 271). O discurso midiático assume para si, papel de relevância na construção da memória coletiva e individual na sociedade quando apresenta e destaca a leitura como forma de aquisição de saber e de destaque social num determinado grupo. Além disso, a mídia cria e recria ferramentas para atrair o leitor associando o verbal e o não-verbal: de forma atrativa, com textos curtos, pelas cores, pela imagem e pelo discurso.

Refletiremos sobre o viés dos preceitos filosóficos de Michel Foucault sobre os dizeres instituídos e sobre o discurso proferido na manchete de capa.

Segundo Foucault (2011, p. 15):

[...] a verdade a mais elevada já não residia mais no que era o discurso, ou no que ele fazia, mas residia no que ele dizia: chegou um dia em que a verdade se deslocou do ato ritualizado, eficaz e justo, de enunciação, para o próprio enunciado: para seu sentido, sua forma, seu objeto, sua relação e sua referência.



A capa apresenta o fundo azul claro que proporciona destaque aos dois balões que compõe a imagem, um balão todo preenchido em preto que traz em destaque letras brancas, maiúsculas, que registram a manchete da capa “OS SUPERPODERES DA LEITURA”, e outro balão com enunciados que pretendem explicar, através de dados estatísticos e psicossociais, a importância de se ler ficção.

O rosto da jovem que se encontra na extremidade baixa da capa é apresentado somente a partir dos olhos cujo olhar encontra-se voltado para cima, observando com desejo os dizeres dos balões, há brilho em seu olhar. O não dito revela-se. Não é

necessária à leitura a presença da oralidade, somente dos olhos e do cérebro que absorvem as informações, fato este reafirmado pelos dizeres que atestam que a leitura “ativa os lugares certos do cérebro”.

Percebemos que há uma superavaliação do ato da leitura para os jovens, pois coloca o ato de ler como forma de aquisição de superpoderes pelos jovens. Esse enunciado sensacionalista, busca construir nos leitores a falsa impressão de que a leitura pode dotá-lo de algo com benefícios surreais. Fato que se segue com os enunciados projetados no balão posicionado à esquerda. Através de dados estatísticos: “dois milhões de jovens brasileiros já se encantaram com os livros de Jhon Green e só tem a ganhar”. A revista tenta criar no leitor a confiabilidade através dos números, através do referencial de valor. Porém, a segunda afirmativa traz afirmações que não são capazes de ser mensuradas: “Ler ficção cria bons estudantes...”. Percebemos assim, a construção de um sujeito leitor pelo discurso materializado, bem como o destaque do objeto de saber: “a leitura”. A leitura traz conhecimento, informação, desenvolvimento intelectual, algo individual e não mensurável quantitativamente.

Segundo Foucault (2009), devemos, pois, analisar os discursos não mais como conjunto de signos que nos remetem a conteúdos ou significações, com a forma modificada, mas

[...] como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos: mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É nesse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. (FOUCAULT, 2009, p.55)

A matéria interna da revista, a qual a capa faz referência, profere e reafirma “A voz da geração conectada”, sendo a palavra ‘conectada’ dotada de plurissignificação neste contexto, já que se refere tanto à geração dos adolescentes que consomem esta literatura como também à noção de estar em sintonia, sempre atento ao que de novo aparece, ou ao que está em ‘moda’ na atualidade. Destaca ainda no *lead* que o autor de ‘A culpa é das estrelas’, John Green, domina a difícil arte de se comunicar com quem vive on-line. Há neste enunciado a projeção de um sujeito historicamente marcado pelo ritmo de vida e costumes do grupo social dos adolescentes.

Percebe-se que a formação discursiva que marca a dificuldade em se comunicar com os jovens é formada a partir de um pré-construído, de uma intenção sensacionalista

na construção da imagem do sujeito leitor incutido neste enunciado, já que, como afirmamos anteriormente, o jovem lê, à sua maneira no ambiente virtual, seleciona o que lhe agrada, mas lê. Tal fato de ler o que lhe agrada é que levou, segundo constata-se na entrevista publicada, o grande sucesso do autor com o jovem público leitor. A linguagem empregada, bem como o assunto abordado nas obras, faz parte do universo social do qual todo adolescente faz parte: conflitos, paixões mal sucedidas, dramas e pesadelos, inseguranças. A narrativa de Green apresenta personagens que se associam a acontecimentos e conflitos cotidianos dos jovens que vivem uma mesma rotina, de um estudante de ensino médio, por isso há identificação do público com a obra.

Breve conclusão

A leitura hoje é multifacetada, há diferentes meios de fazê-la e diferentes suportes a sustentam. Dizer que os jovens de hoje não lêem é um devaneio, pois a todo o momento estão cercados por textos. Que sejam eles de curta extensão, mas são textos linguísticos e/ou imagéticos que, embora sejam leituras rápidas, são realizadas. Pode ser que não se leia como desejam os educadores, uma leitura de peso, com concentração, uma leitura na qual se mergulhe intensamente. Em contrapartida, devemos levar em consideração a leitura rápida realizada através das telas dos *laptops*, dos celulares, uma leitura fragmentada, porém, realizada.

As práticas escolares, bem como os discursos produzidos sobre seus alunos leitores variam. Devemos, enquanto educadores, repensar nossas práticas no desenvolvimento de atividades que visem desenvolver e propagar a ação de leitores e instaurar novas estratégias pedagógicas que caminhem atreladas às tendências e ferramentas tecnológicas de nosso tempo, como também conduzir o trabalho de leitura de obras literárias que pertencem à literatura brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELO, André. **História & livro e leitura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. 3. ed. Brasília: MEC, 2001. 144p.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: forense Universitária, 2009.

_____. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 21. ed. São Paulo:Edições Loyola, 2011.

<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/fundamentos/roger-chartier-livros-resistirao-tecnologias-digitais-610077.shtml>: acesso em 04/06/2014.

PETIT, Michel. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Ed.34, 2008.

SÁ. I. SARGENTINI. V. O jogo das imagens: a espetacularização da memória na mídia. In GREGOLIN, M. R., KOGAWA. J. M .M. (Org.) **Análise do discurso e semiologia: problematizações contemporâneas**. Araraquara: FCL-UNESP Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.